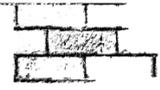


A CASA 
TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

**Relatos biográficos: a arte de imaginar e narrar a
infância**

Laís Maria Nóbile

2020

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Relatos biográficos: a arte de imaginar e narrar a infância

Laís Maria Nóbile

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Friedmann, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis”.

*Para Lorena, que enfrentou seus piores dias
com coragem, persistência e confiança no
amor das crianças.*

RESUMO

Este trabalho procura refletir sobre memórias de infância e sobre narrativas autobiográficas, com o intuito de investigar como a própria biografia é narrada e revisitada na prática cotidiana. Para esse estudo, foram realizadas entrevistas presenciais e por telefone com Reinaldo Nascimento e Odilon Moraes, pessoas que trabalham com o tema da infância. As narrativas produzidas foram articuladas a textos literários, de forma a produzir uma leitura poética da memória, em diálogo com textos teóricos sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: memória; infância; narrativa autobiográficas; biografia.

SUMÁRIO

Memorial	5
Introdução	9
Capítulo 1. Estudos sobre a memória	11
1.1. Diário de campo da escrita (ou escrita sobre o isolamento social)	11
1.2. Poética da memória	15
Capítulo 2. Análises de relatos biográficos	20
2.1. Descrição do campo	20
2.2. Reflexões acerca da biografia de Bartolomeu Campos de Queirós.....	21
2.3. Reinaldo Nascimento	24
2.4. Odilon Moraes.....	28
Conclusões	33
Referências bibliográficas	35

MEMORIAL

“– São anos que guardo essa criança. Nem quero ela nascer nesse tempo. Fica assim dentro de mim, me companha o coração.”

(*Mia couto*¹)

Contam meus pais que tenho esse nome, Laís, em homenagem a uma repórter na TV Cultura, que chamou a atenção deles nos anos 80. Meus pais pediam, em suas orações, que a segunda filha viesse com mais saúde que o primeiro e com inteligência – penso que é por isso que quiseram Laís Maria, para tentar um acordo político entre fé e ciência.

Cresci em uma cidade pequena, no interior de São Paulo, chamada Assis. Na época não havia *shopping* na cidade, muito menos Mc Donald's, somente um cinema na praça e uma infinidade de crianças brincando nas ruas. Gostava de poder ir sozinha, de bicicleta, tomar meu sorvete de massa com os trocados que minha avó deixava para mim e para o meu irmão e de subir em árvores frondosas para me sentir gigante. Sentada na calçada, costumava acompanhar a trilha das formiguinhas que carregavam sua colheita para a toca enquanto eu levava uma fatia de tomate com sal para a boca. Assim como elas, gostava de me ver miúda e forte; franzina e ágil.

Quando minha irmã ainda não tinha nascido, passava muito tempo brincando com as minhas bonecas e com minhas pelúcias. Era bem silenciosa – dizem – do tipo de criança que é preciso verificar, de vez em quando, se não está metida em confusão perigosa. Acho que é por isso que me entendia bem com a minha avó: ela não acreditava que crianças não podiam fazer determinadas coisas – ela nos botava para torrar café e tirar o bolo do forno. Com ela, criei uma confecção de roupas de boneca (eu desenhava as peças da nova coleção e ela costurava tudo na velha singer), aprendi a demonstrar afeto através da comida e a amar tudo que é vivo em um jardim.

Em 1996, quando minha mãe engravidou pela terceira vez, ela nos envolveu em um ninho de amor e expectativa pela chegada da minha irmã caçula. Eu e meu irmão éramos – e ainda somos – inseparáveis, mas tínhamos a certeza que

¹ COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 33.

ela tornaria nosso vínculo ainda maior e melhor. Nós ansiávamos por uma irmãzinha menor, quem protegeríamos na escola, ensinaríamos a lição de casa e daríamos dicas sobre como trapacear nossos pais. Eu não supunha que a diferença de idade ou a ausência dos meus pais me tornaria, tão cedo, uma referência para ela. Cuidando dela desde pequena, vivenciei uma autoridade precoce, que certamente trouxe assimetrias para nossa relação.

A casa em que vivia com meus pais nunca teve a natureza da minha avó, mas tinha o carinho e o cuidado de meu pai e de minha mãe, que me deixavam crescer devagar entre rabiscos e faz de conta. Foi por causa deles que entendi o valor da literatura. As histórias que eles leram para mim me ajudaram a entrar em contato com sentimentos irresolutos, a dar significado para situações que vivi, a enfrentar medos e a me encantar com o desconhecido.

Mais tarde, alfabetizada, a literatura me proporcionou um diálogo profundo comigo mesma que me deu novos contornos, me agigantou. Essa experiência fez de mim uma proselitista literária – começando pela minha irmã mais nova, para quem adorava narrar histórias inventadas por mim. Assim, criança, resolvi que estudaria Letras (em uma ilusão infantil de que esse curso me permitiria acessar a literatura que há dentro de mim). Então, em 2009, ingressei neste curso na Universidade de São Paulo.

Não tardou para que eu enfrentasse o ceticismo severo da academia e questionasse o valor da minha escrita. De forma inconsciente, isso acabou por despertar meu interesse pelas escritas biográficas e autobiográficas. Dessa forma, ainda na graduação, pesquisei a escrita de autores lusófonos que narraram suas experiências na Revolução dos Cravos e na Luta Armada de Libertação Nacional, que equivalem, respectivamente, à luta pelo fim da ditadura salazarista, em Portugal, e ao processo de independência de Angola e Moçambique.

Com o aprofundamento nessa temática, passei a me interessar não pelos acontecimentos de guerra e pela criação de mitos e heróis nacionais, mas pela experiência de quem vive a guerra à distância: as narrativas de mulheres e de crianças que viviam em outro espaço, afastadas do fronte, e que experimentaram a guerra pelos relatos dos combatentes e pela ausência dos homens – dos pais, filhos, maridos, irmãos. Nesse sentido, comecei a refletir com mais profundidade

sobre como se narram essas histórias e como essas experiências traumáticas têm um desdobramento sociológico, interferindo no sentido de cidadania e nos rumos democráticos de um país.

Apesar desses interesses pungentes e das expectativas de minha orientadora na época, professora Dra. Aparecida de Fatima Bueno, de que continuássemos a pesquisa em um mestrado acadêmico, ainda pairavam dúvidas sobre minha relação com essas pessoas e com suas histórias. Sentia-me ao mesmo tempo próxima e distante dessas narrativas, o que se configurava um problema epistemológico para mim.

Paralelamente a isso, dedicava-me, ao estudo das línguas tupi e nheengatu – o que parecia um dissenso de interesses, mas que, ao mesmo tempo, surgia como uma espécie de movimento pessoal de reivindicação de identidade indígena, que foi subtraída do país nos discursos oficiais. A essa altura, viajei para São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, para um estudo de campo orientado pelo professor Dr. Eduardo de Almeida Navarro. Mesmo com a abertura e receptividade das comunidades indígenas – sobretudo das crianças –, que me autorizaram a tratar de seus temas, ainda não sentia que meu caminho estava claro. Também não via como articular interesses diversos.

Já em 2015, formada no curso de Letras e trabalhando como editora de livros, conheci o Instituto Fazendo História, ONG que dá apoio a crianças e adolescentes em situação de acolhimento. A descoberta dessa instituição me moveu a pesquisar mais sobre história do acolhimento, sobre a situação dos abrigos no Brasil, o que me levou a colaborar, como voluntária, com o programa Fazendo Minha História². Essa experiência me permitiu entrar em contato com crianças fora do meu ciclo familiar e refletir sobre a necessidade do vínculo com um adulto para construção das primeiras memórias e, por consequência, para

² De acordo com a página oficial da ONG, o programa Fazendo Minha História funciona da seguinte maneira: “O Instituto forma, seleciona e acompanha voluntários (pessoas comuns) ou profissionais da área para que construam vínculos afetivos com as crianças e adolescentes. A dupla criança-adulto se aproxima afetivamente através da mediação de leitura, que oferece recursos para os meninos e meninas elaborarem suas vivências; desperta conversas e incentiva a construção do álbum de histórias, contendo relatos, depoimentos, fotos e desenhos que fazem parte de suas vidas. Este álbum pertence à criança ou adolescente e irá acompanhá-lo por onde for”. Disponível em: <https://www.fazendohistoria.org.br/fazendo-minha-historia/>. Acesso em: 03 maio 2020.

formação da identidade de alguém. Também possibilitou que eu compreendesse a importância de se apropriar da própria história para interromper ciclos de abandono e violência, construindo, assim, um futuro autônomo.

Essas vivências me levaram a buscar uma pós-graduação na área de pedagogia com o intuito de depurar os pontos de contato na minha biografia. Assim, em 2018, ingressei na pós-graduação *A vez e a voz das crianças*. Fortuitamente, no primeiro semestre do curso, fui introduzida a *O código do ser*, de James Hillman. O encontro com esse autor e com suas ideias me despertou para uma questão que sempre me foi cara: como lembramos de nossa infância. Para além das experiências que nos fundaram, como é que nos recordamos delas, isto é, como aprendemos a imaginar nossa infância (Ibid, p. 13)³.

Dessas reflexões iniciais sobre o tema e sobre minha própria trajetória surgiu esse trabalho, que pretende refletir sobre as narrativas de adultos sobre suas histórias de criança. Para isso, planejei, junto a minha orientadora Dra. Adriana Friedmann, entrevistar alguns profissionais que trabalham direta ou indiretamente com crianças, são eles: Odilon Moraes e Reinaldo Nascimento.

³ HILLMAN, James. Em poucas palavras: a teoria do fruto do carvalho e a redenção da psicologia. In: *O código do ser*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 13.

INTRODUÇÃO

“Verdade, em infância, é um jogo de brincar.”

(Mia Couto)⁴

Como parte do rito de conclusão de pós-graduação é necessário a escrita de um trabalho autoral a fim de registrar e compartilhar com a comunidade parte de um processo de pesquisa. Assim, desde agosto de 2018, quando ingressei na pós A vez e a voz das crianças, tinha em mente esse compromisso de mergulhar verticalmente em um tema. A isso, somou-se, também, a tarefa de realizar um estudo de campo para observar crianças.

Em um primeiro momento de seleção de temas de interesse, considerei investigar a relação de crianças em situação de vulnerabilidade social com seus tutores, em função da minha experiência como voluntária do programa Fazendo História, do Instituto Fazendo História. No entanto, questões de ordem prática que inviabilizavam a pesquisa, levaram-me a rever mais profundamente meu interesse pelo tema. A partir desse primeiro obstáculo, notei, enfim, que, desse recorte, o que mais me intrigava é como se guardam histórias de infância na memória e quais os impactos disso na vida adulta de uma pessoa. Isso se tornou mais evidente, por meio de leituras suscitadas pelo grupo de estudos Canais expressivos – cujos encontros ocorreram no primeiro semestre de 2019, em A casa tombada.

Nesse tocante, considerando minha própria trajetória como alguém com contato mais restrito com crianças – tanto em função da minha formação em Letras quanto por meu trabalho como editora – junto à minha orientadora Adriana Friedmann definimos como temática do campo a observação de narrativas de infância. Dessa forma, entrevistei adultos que trabalham com crianças em diferentes contextos, partindo destas questões reflexivas:

1) Há uma relação evidente entre o que esses pesquisadores narram sobre as próprias infâncias e os trabalho que desenvolvem com crianças? Se há, como a

⁴ COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 161.

própria infância acompanha e interfere na maneira como desenvolvem seu trabalho?

2) Como se narram essas infâncias? O que se privilegia na narrativa e o que se negligencia?

3) Quais memórias mais significativas? Elas envolvem percepções sobre pessoas, lugares e tempos?

Nesse processo de observação, apoie-me, também, nas explicações da Luiza Lameirão a respeito da importância da abertura do íntimo para buscar uma relação com o outro de forma mais sensível – o que está vinculado a um olhar fenomenológico e apoiado nas teorias de Rudolf Steiner. Isso, por sua vez, desencadeou os seguintes questionamentos em mim: o que da história do outro me atravessa? Quando penso na relação de um adulto com a criança que ele foi, não estaria, na verdade, buscando formas de estreitar laços com a criança que eu fui?

Por fim, durante a análise do material coletado (diário de campo, entrevistas em áudio e resenhas de textos teóricos), busquei dialogar com obras teóricas de Adriana Friedmann, Luiza Lameirão, Gudrun Burkhard, James Hillman e Philippe Lejeune, que tratam dos estudos biográficos, da cultura e das linguagens infantis.

CAPÍTULO 1. ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA

1.1. Diário de campo da escrita (ou escrita sobre o isolamento social)

02 de abril de 2020

Estamos há quase três semanas isolados em casa em um esforço coletivo de controlar a disseminação do Covid-19, que pode matar 15% dos idosos infectados e colapsar o sistema de saúde do país. Vemos nos jornais a situação da Itália, Espanha e Estados Unidos. É desolador imaginar que esse possa ser nosso futuro em pouco tempo, em um ou dois meses. Nesse momento, ainda não temos como saber se nosso esforço foi suficiente para mudar o rumo das coisas. Como agravante, há a preocupação latente com a economia do país. Temo que isso se sobreponha ao direito à saúde e ao bem-estar.

05 de abril de 2020

Enquanto penso sobre a situação atual do país, sentada na minha mesa de trabalho, escuto poucas crianças brincando na quadra do prédio ao lado.

Todos os dias, na hora do almoço, consigo espiar uma menina andando de bicicleta com rodinhas ao lado de uma mulher mais velha, que corre atrás dela, desafiando-a a pedalar mais e mais rápido. No final da tarde, sei que virá um homem acompanhado por três meninas de idades diferentes – imagino que a mais velha tenha, no máximo, 12 anos. Eles sempre trazem uma bola, e escuto a garota mais velha driblar às demais e comemorar o gol. Imagino a paixão dessa família pelo esporte. Ninguém parece chateado nesses jogos.

Imagino que as famílias fizeram um combinado entre si e estão se revezando para usar a quadra, para evitar o contato. Será que essas crianças costumavam brincar juntas?

De manhãzinha, sentada no mesmo lugar, olhando a quadra vazia, às vezes, escuto um grito, um choro. Embora, normalmente, predomine a risada, a conversa alta consigo mesmo. Com um pequeno esforço, quase consigo ver: a mãe dentro de casa se dividindo entre o trabalho e a atenção para o pequeno, que brinca sozinho no canto, contando alto uma história para seus bonecos, para seus novos-velhos melhores amigos. Fico pensando se essa criança está feliz convivendo com sua mãe durante 24 horas. Será que ela sente falta dos amigos, da escola, dos professores? Será que ainda visita o pai e seus avós? Será que tem medo do que possa acontecer com eles?

Todos os dias sigo a mesma rotina. Acordo cedo, lavo os cabelos, visto uma roupa como se fosse sair para o trabalho. Arrumo a cama, abro a janela e me sento no computador para ler os primeiros *e-mails* do dia e para dar um bom dia silencioso e secreto para meu vizinho de cima – a criança que imagino falando sozinha. Quando tenho sorte, vejo uma criança do prédio da frente tentando engatar um papo pela janela com outra que vive em outro prédio ou em outro andar. Fico pensando se são amigos antigos ou se é amizade nova, que elas encontraram assim como eu as encontrei: reparando o cotidiano com saudade dos colegas.

É um tanto desconfortável escrever este trabalho ultimamente, que tem como tema memórias de infância, sem imaginar como esse período ficará guardado na memória dessa próxima geração. O que sabemos é que se não cuidarmos da nossa mente e corpo ficaremos traumatizados com o excesso de zelo ao sair, com a nossa nova rotina de higiene, que envolve esterilizar tudo o que chega de fora com álcool 70%. Com os tiques de espirrar ou tossir dentro da camiseta ou no braço, com o cotovelo dobrado. Com as prateleiras vazias do mercado. Com a falta e com o uso excessivo de álcool gel, máscaras e luvas. Com a falta dos nossos entes queridos doentes ou hospitalizados.

10 de abril de 2020

Essa semana foi mais difícil. Amigos e familiares estão começando a comentar sobre as MPs do governo. Muitas empresas demitindo 30% do quadro de funcionários, reduzindo salários e cargas horárias em 50%.

14 de abril de 2020

Sinto falta da rotina das crianças na quadra. Parece que depois que eu notei a rotina delas, elas decidiram me pregar uma peça e estão brincando de esconde-esconde dentro de suas casas.

No último domingo, ouvi a mãe da criança que estava sempre na bicicleta, brigando com ela. Entendi que só a garotinha via aquilo como brincadeira – a mãe insistia que ela precisa pedalar, porque isso era parte das “atividades enviadas pela escola”. A menina chorava, queria brincar de verdade. Depois disso, nunca mais as vi.

19 de abril de 2020

Um dia desses, enquanto trabalhava, espiava meu gato se engraçando na varanda, tentando se equilibrar no beiral para tomar sol. Não ri sozinha. Ouvi uma criança espantada: “Pai, olha o gatinho na sacada!”. Acho que o gato já enjoou da minha companhia e está buscando a atenção do mundo externo. Penso que a garotinha também está cansada de olhar em redor e ver sempre a mesma cena.

21 de abril de 2020

Comemorar datas festivas, como a Páscoa, e aniversários têm sido uma experiência nova. Não tive muito sucesso esse ano em comprar presentes (e eles chegarem no tempo certo) e fazer surpresas.

Às vezes escuto um “parabéns para você” vindo de algum apartamento. Nas redes sociais predominam fotos de comemoração em um estilo *chat on-line*. Não

sei se esse é um sentimento romântico, mas, recentemente, essas comemorações parecem ter outro valor: seja porque não é possível promover as reuniões de outrora, seja porque todo encontro, no momento atual, parece um brinde à existência e à presença do outro. É com base nisso que consigo revisar meus sentimentos mais pessimistas, do início de quarentena, e confiar que, embora esse período deixe marcas profundas na sociedade, narrar a própria experiência pode ajudar a atribuir sentido a ela, como problematiza Jaime Ginzburg (2012, p.160).

Sendo a autobiografia um espaço de reflexão do eu sobre sua própria constituição, o sujeito poderia, dentro desse espaço, manejar os recursos disponibilizados pela memória, expondo a percepção que considera mais adequada de sua própria imagem. Ninguém poderia, tanto como o próprio eu, caracterizar sua identidade e atribuir sentido à sua experiência.

O que corrobora para a discussão e construção de uma memória coletiva: “[...] A autobiografia pode assumir um papel de mediação, instrumento de confronto, em que a experiência individual atua como fundamento para interpretar e discutir a experiência coletiva.” (ibid., p.161)

12 de maio de 2020

Ultrapassamos o número de mortos da China.

Não é mais novidade saber de alguém com um parente enfermo. O presidente se mostra, cada mais, inexperiente e insensível para conduzir a crise, que não é apenas sanitária, mas humanitária. Ele faz piada sobre o isolamento, se isenta de responsabilidades e convoca as pessoas a saírem de casa, retomarem os postos de trabalho, ignorando a fragilidade e o valor da vida.

Tem sido difícil manter as esperanças e confiar que o futuro será diferente das estatísticas. Que sairemos mais unidos e críticos.

Escrever sobre o presente aborrece uma parte de mim que queria não lembrar e não encarar a realidade, nossa finitude e desconexão com a história. Escrever sobre memória, sobre autobiografia, me dá uma rasteira, um nocaute político, por seguir acreditando que todas as vidas importam, quando, na verdade...

1.2. Poética da memória

Caso de amor

Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo. Esta que eu ando nela agora é por abandono. Chega que os espinheiros a estão abafando pelas margens. Esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. Eu ando por aqui desde pequeno. E sinto que ela bota sentido em mim. Eu acho que ela manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la. Ela não tem indiferença pelo meu passado. Eu sinto mesmo que ela me reconhece agora, tantos anos depois. Eu sinto que ela melhora de eu ir sozinho sobre seu corpo. De minha parte eu achei ela bem acabadinha. Sobre suas pedras agora raramente um cavalo passeia. E quando vem um, ela o segura com carinho. Eu sinto mesmo hoje que a estrada é carente de pessoas e de bichos. Emas passavam sempre por ela esvoaçantes. Bando de caititus a atravessavam para ver o rio do outro lado. Eu estou imaginando que a estrada pensa que eu também sou como ela: uma coisa bem esquecida. Pode ser. Nem cachorro passa mais por nós. Mas eu ensino para ela como se deve comportar na solidão. Eu falo: deixe deixe meu amor, tudo vai acabar. Numa boa: a gente vai desaparecendo igual quando Carlitos vai desaparecendo no fim de uma estrada... Deixe, deixe, meu amor.

Manuel de Barros⁵

Manuel de Barros nasceu em 1916, no Mato Grosso. Passou a infância em Corumbá, no Mato Grosso do Sul, e parte da adolescência e da vida adulta no Rio de Janeiro. Retornou ao Mato Grosso do Sul na década de 60, em uma fase madura, com pouco mais de quarenta anos, e passou a trabalhar como criador de gado. Apesar de sua extensa obra literária, passou a ser reconhecido pelo grande público somente na década de 80, uma vez que não participava do circuito literário da época.

Faleceu em 2014, deixando livros de poesia – como *O livro das ignoranças* (1993) e *Livro sobre nada* (1996) – e de literatura infantil – como *Exercícios de ser criança* (2000). Sua produção literária é marcada pelos relatos autobiográficos (em verso e em prosa), que apresentam cenas da infância vivida no Mato Grosso – marcadas por brincadeiras, paisagens e pessoas –, bem como reflexões sobre o processo de envelhecimento e análises metafóricas sobre sua biografia, como se pode observar em “Caso de amor”.

⁵ BARROS, Manuel. Caso de amor. In: *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. p. 29.

No texto em questão, em razão do pacto ficcional⁶, confiamos no eu lírico como em um anfitrião que nos leva por um caminho seguro, uma estrada de pedra que, para nossa surpresa, desnuda seu percurso de vida e revela algumas memórias infantis. Em contrapartida, por acompanhá-lo nesse passeio íntimo, com ares de veracidade, somos convocados, por um sentimento de cumplicidade, a fazer o mesmo – isto é, a analisar nossa própria estrada.

Philippe Lejeune em entrevista a Jovita Noronha (2002, p. 23) descreve esse movimento relacional entre leitor e escritor da seguinte forma:

(...) Tento observar ao mesmo tempo o centro do sistema, o pólo (o compromisso de escrever a verdade sobre si) e as margens, as situações fronteiriças de todos os tipos, nas quais a influência do outro pólo se faz sentir, e onde se criam interferências, «franjas» onde os dois sistemas manifestam, através do conflito, o que cada um deles tem de próprio. O pólo é o compromisso de dizer a verdade sobre si. É um ato real, que implica a possibilidade de verificação, e que compromete de fato, socialmente e juridicamente, podendo, às vezes, até chegar ao tribunal. A esse aspecto referencial que o opõe à ficção, acrescenta-se um aspecto relacional, que o distingue do discurso histórico: o autobiógrafo coloca seu leitor em perigo. Ele lhe pede algo: reconhecimento, aprovação, amor. E, ao mesmo tempo, sugere ou propõe algo mais embaraçoso ainda: a reciprocidade. O leitor é forçado a pensar em sua própria vida em termos análogos, mesmo se não tiver vontade de fazê-lo. A autobiografia é contagiosa e muitas pessoas têm medo dela. Esse é o pólo. (...)

Mas, afinal, como é a estrada de cada um? E como cada um se apresenta por meio dela? Ou, ainda, como ela nos desvela? Tomados por esses questionamentos, podemos, então, fazer o exercício de voltar a esse espaço metafórico, percorrendo nossas memórias, olhando para o agora ao mesmo tempo em que fitamos nosso princípio, buscando reinaugurar nosso nascimento, nossa infância e nosso fim.

Talvez esse exercício reflexivo seja um instinto de sobrevivência para não desaparecermos solitários nessa estrada. Talvez, seja uma forma de nos reinventarmos ou de re-existirmos enquanto parte de uma história, de uma sociedade, de uma cultura. Ou, então, seja uma forma de se lançar no futuro confiando no passado e no que há dentro de nós, nas nossas raízes ancestrais,

⁶ O pacto ficcional pode ser entendido como o contrato estabelecido entre o leitor e o texto, de que a obra literária não pretende relatar, de forma científica, um fato. Isso possibilita ao leitor se envolver com a narrativa sem questionar seu *status* fantasioso e sem buscar comprovações históricas para fatos apresentados.

que dão contorno e consistência para nossa experiência individual e, ao mesmo tempo, coletiva.

(...)
A história da minha vida
Quem a esconde
Em terras de muito longe,
Em uma pedra escrita?
(...)
Cecília Meireles⁷

Como Barros comunica em seus versos, percorrer esse caminho ajuda a *botar sentido em nós*. Isso porque o processo de reflexão sobre a própria biografia se mostra um caminho seguro para a descoberta de si mesmo, para o aprofundamento nas questões subjetivas – do ego, para a psicanálise. O que, por sua vez, favorece a alteridade, o estabelecimento da relação com o outro de forma mais empática e horizontal.

Olhar para minha biografia pessoal e para o caminho que fui desenhando para andar por esta vida tem me ensinado a me conhecer, e a reconhecer, e me auxiliado a perceber as “entrelinhas” das vidas dos meus interlocutores – crianças e adultos. (FRIEDMANN, 2013, p. 18)

Esse relato da Adriana Friedmann traz um indício de como analisar a própria biografia é uma ferramenta pedagógica importante, pois amplifica a escuta e o diálogo com o outro. O que também é validado por teóricos como Gudrun Burkhard, a qual desenvolve estudos e trabalhos acerca dos efeitos benéficos de se mapear, de forma consciente, os acontecimentos singulares e comuns a uma geração para ampliar o autoconhecimento e decifrar o destino (2010).

(...) A visão global de toda a biografia permite, por sua vez, ter uma visão total, e não só dos lados de sombra. Por meio dela percebe-se quantos lados bons e de luz também se teve na vida. Conseguindo resgatar esses lados bons, elaborando e integrando também as

⁷ MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

sombras dos acontecimentos negativos, torna-se possível começar a perceber a vida como uma grande paisagem. Luz e sombra em conjunto formam as cores. A vida torna-se uma paisagem multicolorida ao invés de permanecer cinza e rotineira, como muitas vezes acontece nos dias de hoje. (Ibid., p. 21)

Ao tratar da importância dos estudos autobiográficos, Luiza Lameirão destaca a função transformadora da tomada de consciência sobre si. Como ela afirma “Muitas vezes existe um hiato, uma lacuna, uma fenda entre a biografia interna e a externa” (2014, p. 75), e a descoberta desse hiato pode ser a chave para resolver questões profundas da nossa experiência terrena.

Ao analisar a questão, é possível concluir que essas fissuras na biografia têm origem no ritmo e nos desafios do cotidiano. A dinâmica da vida na contemporaneidade corrobora para a desconexão com a esfera do sensível, alienando o indivíduo de seu corpo e de seu espírito e criando uma oposição entre individualidade e ancestralidade. Nessa perspectiva, Lameirão sugere que relembrar experiências da infância de forma autoconsciente e orientada possibilita reaproximar mundo interno e externo.

(...) A relação entre o que vivenciamos internamente e o que vida nos apresenta de fora pode ser vista como a dinâmica entre o centro – minha vida interna – e a periferia – o que acontece no mundo. É impossível o ser humano permanecer somente em um dos polos; quando uma das tendências predomina, torna-se doentia. A pulsão entre centro e periferia não nos é dada pela natureza, nem pela cultura, porém exige fortalecimento interior, que pode ser atingido quando o indivíduo revisita, recria sua infância: uma paisagem, uma boneca, um carrinho... (Ibid., p. 75-76)

Esse exercício reflexivo tem, por isso, um caráter autoeducativo, de autoconhecimento. O encontro do adulto maduro com sua criança interior possibilita localizar e curar raízes profundas de sofrimentos psíquicos e pode levar ao encontro do eu com seu verdadeiro ser. Isso, no entanto, passa por compreender que o trajeto nem sempre é retilíneo e muito menos uniforme; ele pode esconder lugares secretos, inexplorados, que podem nos levar a encarar situações guardadas pelo tempo e que retornam exigentes. Ou seja: olhar para as nossas experiências infantis exige estar alerta e disposto.

Tocados por essas reflexões, criar intimidade com a própria história de vida, analisando a própria biografia com atenção e sensibilidade, tem potencial transformador para a própria existência, o que poderá gerar impactos positivos para a vida em comunidade. E abrir-se para conhecer a biografia de outras pessoas, sobretudo daquelas que se dedicaram ao tema da infância, favorece o exercício da alteridade e a reflexão consciente sobre a importância de eventos ocorridos nos primeiros anos de vida para a constituição dos sujeitos despertos e conscientes.

CAPÍTULO 2. ANÁLISES DE RELATOS BIOGRÁFICOS

2.1. Descrição do campo

*Preciso voltar e olhar de novo aqueles dois quartos vazios.
(Ana Cristina César⁸)*

O campo, isto é, as entrevistas com pessoas que trabalham com algum assunto associado à infância, começou muito antes desses eventos. Começou comigo me perguntando sobre a minha infância e, depois, imaginando a infância dos outros. Lendo a literatura de sempre com uma nova pulga: será que fulano sabia que sua vida seria assim, de escritor renomado, quando era pequeno? Será que se estivesse lá, naquela época, eu reconheceria um escritor que nascia? Aliás, sendo menos pretensiosa, será que alguém reconheceu? Fico pensando se quando eu era criança eu me imaginava aqui, agora, e se dentro de mim já havia um caminho que se desenhava.

Para além dessas questões, vale destacar que, quando o tema dessa pesquisa se revelou para mim – graças à Adriana que, com paciência e generosidade, me colocou de volta aos trilhos e me incentivou a perseguir meus instintos com flexibilidade e escuta atenta – fui tomada por uma sensação ao mesmo tempo dinamizadora e angustiante. Foi eufórico encarar algo que sempre esteve escondido em mim, mas presente em muito do que eu faço ou busco. Mas essa revelação também exigiu um alto preço em um momento de muita fragilidade na minha vida familiar.

Para honrar o assunto dessa pesquisa e seguir em frente, tive que me desnudar, encarar minha vulnerabilidade, olhar com vagar para o meu passado e reparar certas feridas da minha biografia. Isso levou à morosidade para iniciar a escrita, para entrar em contato com os entrevistados e, conseqüentemente, para analisar as narrativas. Dentro de mim o tempo corria lentamente, revivendo e reorganizando memórias.

⁸ CÉSAR, Ana Cristina. Preciso voltar e olhar de novo (...). In: *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 88.

Dito de outra forma, o campo suscitou um mergulho vertical em mim e, por isso, as análises estão entrecortadas com percepções pessoais. Com o intuito de tornar isso mais orgânico, mas, ao mesmo tempo, reconstruir um pouco do percurso vivenciado por mim, as análises estão apresentadas na ordem em que ocorreram: primeiro, a análise da biografia de Bartolomeu Campos de Queirós, autor que admiro e que escreveu um dos meus livros favoritos, *Vermelho amargo*, à luz da teoria do fruto do carvalho, do Hillman; seguido pela análise do relato de Reinaldo Nascimento, educador físico e terapeuta social que realiza um trabalho significativo com crianças em situações-limite, por meio da pedagogia da emergência; finalizando com Odilon Moraes, autor e ilustrador de livros infantis, reconhecido por sua sensibilidade para criar narrativas visuais poéticas que encantam crianças e adultos.

2.2. Reflexões acerca da biografia de Bartolomeu Campos de Queirós

*Esquecer é desexistir, é não ter havido.
(Bartolomeu Campos de Queirós⁹)*

Em *Vermelho amargo*, publicado um ano antes da morte do autor, Bartolomeu Campos de Queirós revisita sua infância de uma maneira dolorosa, ao mesmo tempo que poética. Como o próprio escritor disse “Foi preciso deitar o vermelho sobre o papel branco para bem aliviar seu amargor” (p. 5). Uma metáfora sobre um alimento frequente em sua infância, um tomate que era fatiado em finas camadas para ser dividido com os irmãos, pai e madrasta, dá movimento para a narrativa e serve, também, para revelar o sofrimento de uma criança que deseja a fartura e as carícias de uma mãe (a qual, quando viva, cortava o tomate em gomos). Com a ausência dessa figura importante, que representava, antes de tudo, o acolhimento e a felicidade que ele não voltou a ter na infância, Queirós sentia-se clandestino, um pária na cidade e também naquela nova configuração familiar.

Essa seria apenas uma história triste de infância se não pudéssemos dar um salto ao futuro e conhecer o homem por trás dessa criança tímida e

⁹ QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Vermelho amargo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ensimesmada, o qual veio a se tornar um importante promotor da literatura, sobretudo infantil, não só no Brasil como no mundo. Talvez, não fosse esse sentimento disfórico em relação à família e à cidade, mais dificilmente o autor teria ouvido com clareza o chamar do fruto do carvalho, visto que, essa impressão de não pertencimento o fez alçar voo, sair de Minas Gerais e cursar Filosofia, no Instituto Pedagógico de Paris. Esse chamado, que Hillman (1997) nomeou de fruto de carvalho, foi importante para que Queirós buscasse uma formação e se articulasse em importantes projetos de leitura no Brasil, como o ProLer e o Biblioteca Nacional. Sua biografia coleciona outros feitos importantes relacionados à promoção da literatura: foi presidente da Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes e membro do Conselho Estadual de Cultura, ambos em Minas Gerais; autor do Manifesto por um Brasil Literário, do Movimento por um Brasil literário, do qual participava ativamente; recebeu, também, medalhas de honra ao mérito (Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres, da França, Medalha Rosa Branca, de Cuba, Grande Medalha da Inconfidência Mineira e Medalha Santos Dumont, do governo do estado de Minas Gerais); e importantes prêmios literários (Grande Prêmio da Crítica em Literatura Infantil/Juvenil pela APCA, Jabuti, FNLIJ e Academia Brasileira de Letras).

Embora dito isso, essa leitura não pretende legitimar o argumento de que, graças a um ensejo traumático, o literato percorreu um caminho de sucesso. Pelo contrário, minha intenção com isso é desarticular a noção de controle da narrativa (reforçada pelas noções cristãs de livre-arbítrio, por exemplo, e de uma teoria da compensação de Adler, Jung e Freud¹⁰) e verificar na infância e na vida adulta desse autor indícios de um chamado, um mistério essencial responsável por seu destino. Em *O código do ser*, James Hillman, assinala isso da seguinte forma:

Em resumo, então, este livro é sobre vocação, destino, caráter, e sobre imagem inata. Essas ideias formam a “teoria do fruto do carvalho”, que sustenta que cada pessoa tem uma singularidade que pede para ser vivida e que já está presente antes de ser vivida. (HILLMAN, 1997, s/p)

Em outras palavras, o que interessa a essa análise não é a ordem cronológica que organiza os eventos, mas sim o tempo mítico, aquele que está

¹⁰ Cf. HILLMAN, J. Teoria da compensação. In: *O código do ser*, 1997.

na raiz da narrativa; aquele que organiza as experiências significativas. Dessa maneira, não se toma como única verdade possível a noção de ação e reação, isto é, a compreensão racional de que determinados eventos encadeiam uma vida presente de sucesso ou fracasso. Partindo disso, ao ler, escrever, contar ou ouvir uma biografia, enunciador e enunciatário fazem um pacto de que o que está sendo narrado é o que se imagina que aconteceu, e não o que se verificou nos fatos. É mais importante a percepção sobre o passado (que pode mudar com o tempo), visto que ela torna aquele momento singular. Para ilustrar essa potência da imaginação, recorro, mais uma vez, a *Vermelho amargo*:

Todos recomendavam paciência e mais paciência. Um dia – ninguém confirmava – ela se tornaria menos impossível. Instalou-se bem muito longe de onde vivíamos. Para tocá-la, só depois de muito dependurados ou decantados. Por ser assim, seria breve como arco-íris, feito de chuva e sol, frágil como as horas. Felicidade era quase uma mentira e, para alcançá-la, só depois de pisar muitas pedras.

É preciso muito bem esquecer para experimentar a alegria de novamente lembrar-se. Tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a memória chega a esquecer-se deles. E a palavra – basta uma só palavra – é flecha para sangrar o abstrato morto. Há, contudo, dores que a palavra não esgota ao dizê-las. (Ibid., p. 16-17)

Por conseguinte, é notável que conhecer uma autobiografia sobre a infância é valioso não simplesmente pela possibilidade de observar uma narrativa organizada que traz coerência a uma personagem, mas pela oportunidade de acessar os primeiros sinais do *daimon*¹¹ em ação. No caso de Bartolomeu Campos de Queirós, a narrativa revela uma criança dotada com o dom da sensibilidade poética, o que lhe fez compreender, logo cedo, sua distância daqueles indivíduos embrutecidos pela experiência do tempo e do espaço. Ou seja, seu sofrimento não pode ser reduzido simplesmente a ausência da mãe, ele sofre por um *daimon* revelado muito cedo em um seio familiar adoecido, racional e matemático, como as fatias de tomate.

¹¹ “Há séculos procuramos o termo certo para esse “chamado”. Os romanos chamavam isso de *genius*, os gregos de *daimon*, os cristãos de anjo da guarda. Os românticos, como Keats, diziam que o chamado vinha do coração, e o olho intuitivo de Michelangelo via uma imagem no coração da pessoa que ele estava esculpindo. Os neoplatônicos referiam-se a um corpo imaginário, o *ochema*, que levava a pessoa como se fosse um veículo. Era o seu carregador ou suporte pessoal. Para alguns é a sorte ou fortuna; para outros, um gênio ou *jinn*, uma semente podre ou um gênio do mal. No Egito, talvez fosse o *ka*, ou o *ba*, com quem a pessoa podia conversar. Entre os que chamamos de esquimós e outros povos que seguem práticas xamanísticas, é o espírito, a alma-livre, a alma-animal, a alma-sopro.” (HILLMAN, 1997, s/p)

Ela [a madrasta] decapitava um tomate para cada refeição. Isso, depois de tomar do martelo e espancar, com a força dos seus músculos, os bifés. Sofrer amaciava, talvez ela pensasse. Batia forte tornando possível escutar o ruído na rua. O martelar violento avisava aos vizinhos que comeríamos carne no almoço. Eu padecia pelo medo do martelo e a violência da mulher ao açoitar a carne.

Depois, com sal na ponta dos dedos, ela salgava os bifés, lentamente, dos dois lados, como o rio da cidade. O sal agia sobre a carne morta e uma água ensanguentada se empossava no fundo da travessa de louça. O gato da minha irmã suspirava diante da sanguenta água. Os bifés eram finos – magros como eu – pelo amargor dos espancamentos. [...]

[...] O tomate não exala nenhum cheiro. É da índole do tomate manifestar-se apenas em cor e cólera. (Ibid., p. 23-25)

O medo que Queirós sentia da madrasta e do pai também é revelador do medo que sentia de seu *daimon*, isto é, as exigências dele e de seus efeitos colaterais.

Collingwood e Manolete exibem um fato básico: as frágeis competências de uma criança não estão à altura das exigências do *daimon*. É inerente às crianças estarem à frente de si mesmas, embora possam receber notas baixas e não passar de ano. A criança pode disparar, como nos famosos casos de Mozart e de outras “crianças prodígios” que têm boa orientação. Ou pode encolher e segura o *daimon*, como fazia Manolete na cozinha da mãe. (HILLMAN, 1997, s/p)

2.3. Reinaldo Nascimento

Reinaldo Nascimento nasceu no final da década de 70 na zona Sul de São Paulo e cresceu em bairros considerados violentos, na periferia da cidade. Viveu os dois primeiros setênios de vida no bairro Jardim Monte Azul e, aos 13 anos, mudou-se para o bairro Horizonte Azul, no final da estrada do M'Boi Mirim, próximo à represa de Guarapiranga.

Apesar desse cenário que poderia ser considerado infértil, e até mesmo ceifador, suas memórias do período são felizes, marcadas por brincadeiras e amizades verdadeiras. Havia, evidentemente, o risco da violência, dos assassinatos e dos tiroteios que eram (e ainda são) rotinas em comunidades periféricas dominadas pelo crime organizado. No entanto, isso era facilmente esquecido quando estava na companhia de seus amigos, vizinhos e familiares, que ajudavam a criar uma atmosfera de comunhão, segurança e respeito à

infância. Ou, até mesmo na escola, em função da preocupação frequente de seus professores em saber como estava, se havia comido e dormido bem a noite.

Reinaldo conta que, quando era criança, brincava bastante na rua; ele e os colegas montavam gols improvisados, prendiam uma rede nos postes e transformavam as ruas em quadras esportivas. A rua era tanto deles que os poucos motoristas que se atreviam a circular por ali se desculpavam por interromper a brincadeira e recebiam em troca caras raivosas de desaprovação. As crianças, nessa situação, como afirma Adriana Friedmann (2013, p. 137) *são e estão* no brincar. Elas ressignificam aquele território e aqueles objetos e se projetam como donas daquele espaço e como promotoras de um tempo e de uma cultura de paz. A rede de vôlei e os gols são mais do que o que simbolizam para esses esportes: elas se transformam em uma forma de desafiar a realidade e vivenciar a imaginação.

A sensação de comunidade também era fomentada pelo compartilhamento de brinquedos, de histórias e de experiências. Aqueles que tinham mais condições dividiam com os outros a possibilidade de brincar com artifícios ou jogos inaccessíveis para outra família. Frequentar a casa do vizinho, que era maior e mais bonita e que tinha um *videogame*, era também uma forma de experimentar ser outro – uma brincadeira de faz de conta disfarçada. Reparar nas diferenças e se orgulhar de ser convidado para brincar era uma maneira de se projetar na vida do colega, compreendendo e interpretando as diferenças sociais e econômicas.

Os objetos e a brinquedos que povoam a vida de cada criança transmitem significados, mensagens e valores bem diversos para cada uma. Embora cada brinquedo seja um objeto culturalmente produzido, cada criança irá ressignificá-lo e imprimir seus próprios valores, sentimentos e expressões lúdicas através dele. As crianças estabelecem uma íntima relação afetiva com cada um destes objetos que são meio antes do que fim, para expressar e compreender o mundo. As crianças tornam-se, pois, protagonistas dos seus diversos momentos históricos, fazendo parte de suas culturas e produzindo, ao mesmo tempo, culturas. Walter Benjamin (1984) inspira-nos na compreensão de que as crianças, através de sua imaginação, transformam os objetos e são arquitetas dos seus próprios projetos para se tornarem outras. (FRIEDMAN, 2013, p. 136-137)

Havia, também, a cumplicidade por conhecerem a realidade um do outro, seja porque sabiam da rotina familiar do colega ou porque compartilharam

experiências traumáticas, tal como no episódio vivido aos onze anos em que viu uma pessoa sendo assassinada diante de seus olhos e dos olhos de dois amigos. A morte, apesar de ser um dado comum na realidade dessas crianças, interpelou-as. Assistir a um assassinato ao vivo é uma verdade incômoda, que evidencia que sonhos são finitos e utópicos e contrasta com mundos imaginários, nos quais as crianças figuram como heróis com superpoderes e habilidades incríveis. Ser criança em uma situação como essa é verificar sua impotência e invisibilidade. Mesmo confiando que se está seguro em um determinado momento, é ter noção da perenidade disso e, portanto, restringir seus planos a um destino possível no mundo real. Dito de outra forma, essas experiências podem afetar a confiança e autoestima da criança, que são vitais para se trilhar um projeto de vida autônomo.

Com treze anos, passou por outra situação bastante emblemática: mudou-se para o Horizonte Azul, bairro que fica acerca de quinze quilômetros da comunidade Jardim Monte Azul. Nessa fase, as relações de amizades eram mais íntimas e o rompimento foi sofrido. Reinaldo revelou que sentia necessidade de passar mais tempo com os amigos, para crescer junto e compartilhar suas experiências. Na época, todos já haviam passado por separações, rompimentos, perdas, que foram mais fáceis de lidar em função do acolhimento e da cumplicidade do grupo. Entretanto, apesar do tempo e da separação, até hoje todos têm contato e uma relação de carinho e cuidado.

Essa fase inaugurou diversas experiências. Morar em um lugar novo, afastado, com estrada de barro, sem acesso rápido e fácil aos amigos – seja pelo transporte público ineficiente ou pela falta de dinheiro para comprar fichas de telefone – fez com que mudasse de perspectiva sobre a relação com a urbanidade e com a educação. Nessa fase, a falta dos amigos os fez redescobrir o gosto pelos estudos e a buscar novos espaços de privacidade. Assim, morar perto da represa de Guarapiranga amplificou seu contato com a natureza e, possivelmente, com sua intimidade, uma vez que se escondia de seus pais nesse espaço. Nesse tocante, a natureza não é só o ambiente externo, mas também a paisagem interior, que acalma e conforta.

Na nova escola não demorou para que entrasse no time de futebol e de vôlei, o que facilitou sua inclusão e aumentou sua popularidade. As notas altas que

começou a colecionar o destacavam como aluno, o que fez com que tivesse atenção especial de alguns professores – em especial, cita um: que lhe ensinou a não aceitar facilmente o destino imposto pelo outro, mas percorrer seus sonhos e desejos; com o mesmo professor teve uma discussão na vida adulta, agora defendendo esse ideal.

Com o tempo, também passou a conviver com a comunidade do bairro e a conhecer a realidade dali – apesar da região ser mais rural, a violência era semelhante a que conhecia. Até se mudar, aos 18 anos, para Alemanha, onde viveu cinco anos, enquanto dedicava-se ao ensino superior.

Quando perguntado sobre a família, Reinaldo trouxe muitas memórias da avó e de alguns primos no interior de Minas Gerais. Da simplicidade da vida no campo: da escuridão da casa pela falta de energia, do cheiro de querosene do lampião, das brincadeiras que oportunizavam mais contato com a natureza, do fogão a lenha, do chão de barro, do torrar e moer café e a cana; do outro ritmo e cultura.

Apesar da convivência com essa avó – a única que conheceu e que era mãe de seu pai – ser de certa forma esporádica, já que viviam em estados diferentes, a presença dela parece ser fundadora, isto é, figura importante na figura e na pessoa que ele se tornou. A vó é símbolo de força, de determinação, de carinho e de ancestralidade. Ela se orgulhava de os netos estudarem e terem menos habilidade com a vida no campo, o que pode ser visto como uma forma indireta de incentivo à educação.

Possivelmente, sensibilizar-se com a situação da avó, reconhecendo certos privilégios – como ter uma casa com piso e energia elétrica – que, para ela, estavam ligados à urbanidade e ao acesso à educação, levaram-no optar por uma carreira na educação. No entanto, viver em regiões periféricas de São Paulo, convivendo com a violência e, ao mesmo tempo, com pessoas inspiradoras, quebra romantizações e estigmas. Isso é revelador de que a urbanidade também deixa vidas apartadas, que precisavam ser ouvidas e

respeitadas, como afirma Eduardo Galeano em 1999¹², em tradução livre de Adriana Friedmann:

Metade das crianças e dos adolescentes da América Latina vive na miséria. A cada hora, morrem cem crianças, de fome ou de doença curável. Tem cada vez mais crianças pobres nas ruas. A sociedade pressiona, vigia, castiga e às vezes mata essas crianças pobres; quase nunca as escuta, jamais as compreende. [...] (apud Friedmann, 2020, p. 163):

Assim, parece natural acreditar que Reinaldo se tornasse educador físico e terapeuta social e fosse, de certa forma, encontrado por Bernd Ruf, criador da pedagogia da emergência, para ser um dos fundadores da Associação da Pedagogia de Emergência no Brasil. Hoje seu trabalho envolve viajar pelo mundo para regiões assolados por conflitos e catástrofes naturais, para auxiliar crianças e adultos que viveram eventos traumáticos a expressar seus sentimentos. O processo envolve atividades artísticas, brincadeiras, músicas, danças e o que mais elas precisarem para se expressar e se curar do episódio, antes que ele se transforme em um trauma.

2.4. Odilon Moraes

Odilon Moraes nasceu em 1966, em São Paulo, mas morou pouco tempo na cidade. Com um ano de vida se mudou com sua família para o interior do estado e viveu em diversos lugares. O motivo das mudanças é explicado pela profissão do pai: juiz de direito. Cada mudança representava um recomeço – ir a um lugar onde não conheciam nada nem ninguém e onde não eram conhecidos. As maiores mágoas desse processo são as de deixar os amigos. Talvez o trauma das separações o fizesse se tornar uma pessoa reservada, com poucas amizades, mas intensas. Da reflexão sobre isso, surgiu, na vida adulta, o mote para o livro *Pedro e Lua*¹³, que trata da sensação de saber que uma determinada amizade um dia vai acabar, independente do seu desejo, e que você terá que continuar com ela dentro de você sem a presença do outro.

¹² GALEANO, Eduardo. *Patatas arriba: la escuela del mundo al revés*. Uruguay: Siglo XXI Ediciones, 1999.

¹³ MORAES, Odilon. *Pedro e lua*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Entre os locais que viveu, dois foram mais significativos em sua vida: Tanabi e São Carlos. A primeira cidade foi o lugar onde passou maior parte da infância: dos cinco aos 12 anos. A outra foi o território da adolescência, se mudou para lá aos 12 e ficou até os 18 anos, quando voltou para São Paulo para iniciar o curso universitário. Apesar das duas cidades estarem localizadas no interior paulista, a vida foi muito diferente em cada lugar. São Carlos ofereceu uma vida cultural e social que não se comparava à pacata Tanabi. Tanabi era isolada. Não tinha sequer livrarias. Se existissem bibliotecas, isso nunca lhe foi revelado. Dessa forma, a relação de Odilon com livros se deu por intermédio das bancas de revista e da biblioteca particular do pai.

Os livros de sua infância eram, portanto, livros de adulto, pegados emprestados do acervo do pai. Recorda, principalmente, de duas coleções que foram peças fundamentais para sua formação como leitor: uma coleção de mitologia greco-romana e outra de obras de artes. Assim, sua relação com a literatura começou com espécie de brincadeira de detetive, que consistiam em: ler histórias da mitologia e, na sequência, buscar nas coleções de arte obras que representassem as cenas que tinham sido descritas no texto. O intuito era verificar como aquelas histórias eram retratadas. Ocorria, às vezes, de mais de um artista pintar o mesmo mito, o que oportunizava um terceiro passo na brincadeira: comparar como cada um interpretava determinada história. O jogo também funcionava ao contrário: em algumas ocasiões, folhava os livros de arte e localizava cenas cuja história por detrás delas ele não conhecia. Desse modo, baseado no título da obra, ele pesquisava nos livros de mitologia a narrativa para o quadro.

Quando não estava tomado por essa brincadeira, possivelmente estava no cinema, que ficava exatamente atrás de sua casa. Como o dono era muito amigo de seu pai, ele tinha passe livre no espaço e ia quase todas as noites assistir aos filmes de *bang bang* em cartaz. Outra possibilidade, era estar brincando no jardim. Passava bastante tempo nesse lugar, acompanhando a trilha de formigas ou dando um enterro digno aos insetos que encontrava mortos, através de uma caixa de fósforos. Nesse sentido, sua infância é descrita de forma intimista, ensimesmada e com muitos momentos de solidão. No entanto, isso não é razão

para se pensar uma vivência sofrida ou dolorosa, mas, como apresentado por Adriana Friedmann (2013, p. 132), um processo de pesquisa e amadurecimento:

(...) Vamos olhar para a solidão de outro ponto de vista, de um lugar em que a solidão, e especificamente aqui, a solidão das crianças, pode ser uma vivência muito importante, de crescimento, mergulho e contato com suas sensações, emoções e imaginação. O espaço da solidão é um espaço e um tempo necessários para o crescimento, para a pesquisa, para a descoberta, para o autodesenvolvimento.

Brincando com os livros, desenhando ou na companhia da natureza, Odilon estava experimentando outros meios de expressão de seus sentimentos, descobrindo formas de pertencer a esse universo e se formando como o autor e ilustrador de livros infantis que é hoje.

Evidentemente, outros eventos influenciaram para que ele se tornasse essa figura conhecida de hoje. A exemplo disso, é fundamental observar sua relação com os amigos mais íntimos e com a família. Odilon conta que seu relacionamento com o pai sempre foi muito silencioso em termos verbais, mas eles encontraram outras formas de expressar suas emoções por meio das imagens. Seu pai era apaixonado pela pintura e era comum que eles pintassem juntos, cada um em seu cavalete. A pintura, nesse contexto, não pode ser entendida como um simples passatempo de pai e filho ou como uma virtude; mas como uma linguagem que partilhavam, como uma forma profunda de compartilhar sensações, de reparar no tempo e no espaço.

Com as mulheres da casa, sua avó e sua mãe, a relação era diferente: passava pela palavra. A avó lhe contava muitas fábulas, histórias populares, folclóricas e religiosas. Era ela, também, que lia para ele contos de fadas ou outras histórias que pudessem ter um caráter mais infantil. Construíram, assim, uma relação de muita amizade. A mãe lhe dava o chão. Ela não trabalhava fora e por isso o cercava de cuidados, cozinhava, costurava, acompanhava as lições da escola. Sem que ele percebesse, ela lhe ensinou muitas coisas da vida prática e cotidiana. A mãe era a terra, o pai a lua. Havia essa dualidade. Da irmã, há pouca memória – Odilon foi filho único até os oito anos.

Com uma família pequena, vivendo em terra estranha e encontrando os parentes somente no Natal, sua experiência de comunidade acontecia, principalmente, na casa de um vizinho. Nesse lugar moravam seis crianças, que

tinham idades próximas a dele: a mais velha tinha três anos a mais, a mais nova, três anos a menos, de modo que sua idade se encaixava perfeitamente no centro dessa escadinha. Como os pais dessa família trabalhavam, as seis crianças se organizavam e geriam a casa: uma dupla cozinhava, uma dupla lavava louça, outra passava pano no chão e assim por diante. Quando ele estava lá, ele participava dessa dinâmica, o que fazia com que se sentisse integrado e parte daquela família. Ele não só adorava seus amigos como adorava estar em um território constituído e organizado por crianças autônomas, que transformam as tarefas domésticas em brincades.

Já com os amigos mais íntimos, que frequentavam sua casa, ele tinha a oportunidade de aflorar sua imaginação por meio de fabulações e de desenhos e de expressar e conversar sobre seus sentimentos por meio das poesias de grandes autores. Eles costumavam encontrar nas poesias vazões para sentimentos de solidão, paixão ou frustrações, por exemplo.

A mudança para São Carlos, quando tinha doze anos, propiciou novas formas de se expressar, já que a cidade ofertava opções de lazer e de entretenimento que não existiam em Tanabi. Isso ampliou suas formas de se relacionar com pessoas e possibilitou que aumentasse sua sociabilidade, tornando-se um pouco mais popular. Como sempre gostou de esportes e de artes, passou a pertencer a outras turmas – entrou para a turma do futebol, para a turma do vôlei e até se arriscou em uma banda, por meio da qual participou de festivais. No entanto, sempre manteve dois amigos mais íntimos, com os quais compartilhava o gosto pela literatura, sobretudo pela poesia, e pela pintura. Suas amizades desse período se caracterizavam pela desconexão, pois somente esses dois amigos mais próximos que o conheciam na totalidade, entendiam e respeitavam (com algum tipo de crítica sutil) seus interesses diversos. Circular por esses grupos não lhe trazia completude, mas possibilitava que explorasse diferentes facetas de si, o que a timidez constrangia.

Até entrar na faculdade de Arquitetura, acreditava que sua forma de expressão principal era a pintura. Foi lá que percebeu o equívoco dessa crença, pois assimilou que não sentia prazer em aprender técnicas para desenhar ou pintar; seu interesse maior era contar histórias. Notou que a pintura era um

instrumento que criou para conversar, primeiro com seu pai, depois com os leitores. O desenho ocupava o lugar da palavra.

Ou seja, sem saber, desde a infância, quando criava relação entre mitos e obras de arte, quando pintava e desenhava, quando ouvia as histórias de sua avó ou quando li e escrevia poemas estava se tornando um contador de histórias. Foi a partir dessa revelação que ele decidiu se tornar ilustrador de livros, o que esbarrou no problema de ter tido uma formação como leitor de literatura infantil. Assim, passou a pesquisar e a se encantar com essa literatura na vida adulta. Isso equivale dizer que a relação de Odilon com a literatura infantil sempre foi a de um adulto em contato com sua criança interior, desvendando com ela seus mistérios. Por sua vez, a relação de Odilon com essa literatura enquanto autor e ilustrador de livros infantis é de expressão de imagens e de imaginários das infâncias que conheceu ou que vivenciou. Citando Bachelard¹⁴ (1988, p. 95, apud Friedmann, 2013, p. 125):

As imagens da infância, imagens que uma criança pôde fazer, imagens que um poeta nos diz que uma criança fez, são para nós manifestações da infância permanente. São imagens da solidão. Falam da continuidade dos devaneios da grande infância e dos devaneios de poeta.

¹⁴ BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CONCLUSÕES

Durante o levantamento de dados para a pesquisa, havia a intenção de intuir e até esmiuçar questões sobre o *daimon* de Bartolomeu Campos de Queirós, Reinaldo Nascimento e Odilon Moraes. No entanto, no decorrer da pesquisa, essa hipótese inicial foi descartada, dando lugar a uma nova pesquisa, focada na experiência de conhecer e deixar-se envolver pela infância do outro. Isso porque, ao longo da pesquisa e apoiada na leitura da obra de Hillman, compreendi que o objetivo principal de conhecer a biografia de alguém é buscar sentido para intuições que pressentimos em nossa própria história sobre a manifestação de nosso *daimon*. Ou seja, a análise de conteúdos biográficos é expressiva como exercício de recuperação de elementos e experiência de nossa própria biografia.

Usamos essas figuras como elas sempre são usadas por qualquer cultura: para servir de modelo às pessoas normais, exibindo suas próprias potencialidades. As pessoas extraordinárias excitam. Elas orientam, alertam, presentes, como estão, nos corredores da imaginação — estátuas de grandeza, personificações do maravilhoso e da dor —, elas nos ajudam a vivenciar o que nos acontece como se acontecesse com elas. Dão uma dimensão imaginária à nossa vida. É isso o que procuramos quando compramos uma biografia e lemos sobre as intimidades secretas das pessoas famosas, sua sorte, seus erros, suas fofocas. Não para trazê-las para o nosso nível, mas sim elevar o nosso, tornando o nosso mundo menos impossível graças à familiaridade com o delas. Sem esses exemplos do *daimon*, não temos outra categoria do excepcional a não ser a psicopatologia do diagnóstico. (Hillman, 1997, p. 43-44)

Nesse tocante, a direção das análises e o corpus analisado reiteram o caráter subjetivo dessa pesquisa – visto que o critério utilizado para escolhê-los foi estritamente pessoal e ancorado em inspirações pessoais. Assim, investigar essas narrativas se mostrou um exercício de espelho, pois, ao olhar a história do outro, projetei minha história e, dessa forma, dei e (continuo dando) sentido a situações que foram pouco trabalhadas em minha biografia.

Concluo, portanto, que a análise da biografia de alguém pode servir como conteúdo modelar e inspirador para refletir e dar sentido a sua própria história de vida. E que a autobiografia como prática pedagógica pode ajudar o indivíduo a

compreender seu caminho, seu projeto de vida, e a se relacionar positivamente com a comunidade e com sua criança interior.

Ao fazer esse percurso de análises, pude, por exemplo, dar sentido a meus canais expressivos. A história de Odilon Moraes com as artes, com a literatura e com seus familiares, possibilitou que eu me abrisse a reflexão sobre minha relação de afeto com meu pai, que, na infância, foi moldado pelo fazer artístico. Meu pai, sendo surdo, desenvolveu nas artes um canal expressivo comigo. Essa circunstância tornou a arte um lugar familiar e íntimo na minha vida. Para vida pública, aprendi com minha mãe e com a minha avó a desenvolver outra performance para romper o casco e me agigantar. Assim como Reinaldo Nascimento não tive uma infância abastada e, por meio da conexão com amigos e parentes, compreendi como transitar em outros espaços sem nunca esquecer o caminho de casa.

Essas reflexões ajudaram a transformar a maneira como eu olhava para mim, para o meu o presente e para a minha história de vida. Extrapolando essa experiência pessoal, é factível acreditar que modificar a maneira como recordamos nossa infância, dando novos sentidos ao passado, pode alterar o presente e impactar outras gerações.

Conservando o arquétipo específico do *puer*, esta teoria pretende inspirar e revolucionar, e também estimular uma afeição erótica nova por este tema: sua biografia subjetiva e pessoal, a maneira como você imagina sua vida, porque esta maneira tem enorme influência na educação dos filhos, no trato dos sintomas e problemas dos adolescentes, em sua individualidade numa democracia, na estranheza da velhice e nas obrigações da morte — na verdade, em todas as profissões ligadas à educação, psicoterapia, escrita biográfica, e na vida do cidadão. (Hillman, p. 305)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manuel. Caso de amor. In: *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

Bartolomeu Campos de Queirós. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3915/bartolomeu-campos-de-queiros>. Acesso em: 03 maio 2020.

BURKHARD, Grudun. *Tomar a vida nas próprias mãos*. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 2010.

CÉSAR, Ana Cristina. Preciso voltar e olhar de novo (...). In: *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 88.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 33; 161.

FRIEDMANN, Adriana. *Linguagens e culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda Books, 2020.

GINZBURG, Jaime. Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema de teoria da autobiografia. In: *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2012.

HILLMAN, James. Em poucas palavras: a teoria do fruto do carvalho e a redenção da psicologia; Apêndice: uma nota sobre a metodologia. In: *O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 13-52; 293-305.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. *Criança brincando! Quem educa?* 2. ed. São Paulo: João de Barro, 2014.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Entrevista com Philippe Lejeune. *Ipotesi*: revista de estudos literários, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 21-30, 16 dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/issue/view/831>. Acesso em: 12 maio 2020.

Programa Fazendo Minha História. In: *Instituto Fazendo História*. Disponível em: <https://www.fazendohistoria.org.br/fazendo-minha-historia/>. Acesso em: 03 maio 2020.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Vermelho amargo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.